AS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DO JORNALISTA PARANAENSE DE 2012 A 2017

William José Ferreira Clarindo (PIBIC/FA), Cintia Xavier (Orientador), e-mail: cintia_xavierpg@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo

Ciências Sociais Aplicadas, Comunicação, Jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo, trajetória profissional, jornalistas no Paraná.

Resumo

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro coletou dados sobre os profissionais do jornalismo em 2012 e 2017. Os dados sociodemográficos serão usados por este projeto para evidenciar a trajetória dos jornalistas paranaenses em um cenário de crise político-econômica, a crise do modelo de negócios do jornalismo e a crise legitimidade enfrentada pelas instituições jornalísticas. A partir das características do perfil do jornalista paranaense, a pesquisa analisará as mudanças no mercado de trabalho, com ênfase à produção de dados sobre a atividade profissional no Paraná. O projeto visa mapear a trajetória dos jornalistas no Paraná ao relacionar os dados das enquetes de 2012 e 2017 com a realidade do mercado de trabalho.

Introdução

Em novembro de 2012, o Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina empreendeu a maior pesquisa empírica sobre os jornalistas brasileiros. Mais de quatro mil jornalistas foram entrevistados pelo método de Survey Online para a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro. Em 2017, uma nova pesquisa foi realizada, que buscou entender a trajetória dos jornalistas nos cinco anos que passaram desde a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro. O número de respondentes que residem no Paraná foi de 115. A pesquisa adicionou novas perguntas e novas variáveis, aprimorando a *survey* anterior. As principais adições são perguntas referentes ao efeito da crise no trabalho jornalístico. “O instrumento permite observar reconfigurações de carreira impostas pelo cenário de crise, levando em conta as variações sociodemográficas (de gênero, faixa etária, identidade étnica [...])”. (PONTES; MICK, 2018).

Como afirma Mick (p. 3) “o jornalismo é uma profissão em transformação”. Um contexto de instabilidade político-econômica tomou conta do Brasil entre 2012 e 2017, os anos da pesquisa. Esse contexto reforçou uma crise do modelo de negócios do jornalismo e a crise da legitimidade das instituições jornalísticas, devido a vários fatores.

Para delimitar a pesquisa, analisamos somente as respostas dos jornalistas que se identificaram como residentes do Paraná na *survey* de 2017. Isso se deve a proximidade dos pesquisadores ao recorte, mas também se deve a um apontamento realizado no livro-resultado da pesquisa de 2012. “[...] há volume abundante de questionários completos [...] nas seguintes unidades da federação: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal” (MICK; LIMA, 2013, p. 88). Outra justificativa para o estudo se dá pelo contínuo interesse do grupo de pesquisa “Lógicas de Produção e Consumo em Jornalismo” em subsidiar estudos sobre a realidade do jornalismo regional.

O trabalho tem como objetivo analisar as características do perfil do jornalista paranaense em comparação crítica às mudanças no mercado de trabalho; detalhar as características da trajetória dos jornalistas paranaenses, com ênfase à produção de dados sobre a atividade profissional no estado e subsidiar estudos locais sobre a profissão de jornalista, articulando as produções sobre o Paraná já realizadas por outros projetos do Departamento de Jornalismo da UEPG.

Material e Métodos

Para a realização dessa pesquisa, serão usados os dados coletados pela *survey* Perfil do Jornalista Brasileiro em 2012 e 2017. Ambas coletaram dados sociodemográficos e profissionais através de um survey online. A base de dados foi estudada através de softwares de planilhas e o SPSS, utilizados para a filtragem das respostas e a limpeza de inconsistências. O recorte é de 115 respostas, já que esse é o número de jornalistas que residem no Paraná na pesquisa de 2017.

Os estudos analíticos serão realizados com o SPSS. As variáveis serão analisadas com as funções de estatística descritiva do SPSS, assim como a função “tabela de referência cruzada” em que é possível cruzar duas variáveis.

Focaremos nas categorias “número de empregos (ou fontes de renda diferentes) tem atualmente”, “trabalha atualmente como jornalista ou professor de jornalismo?”, “horas que você trabalha por dia em funções jornalísticas”, “renda mensal proveniente do trabalho como jornalista”, “qual a área de atuação em seu trabalho principal como jornalista” e “quantos vínculos empregatícios como jornalista você já teve”. Utilizaremos as respostas dadas em 2012 e 2017 como comparação para alcançar o resultado. Anteriormente realizaremos um perfil demográfico do recorte da pesquisa, utilizando variáveis de sexo, idade, cor/raça e estado civil.

Resultados e Discussão

Podemos caracterizar o perfil demográfico do grupo de respondentes como branco (103 respondentes ou 89,6%), feminino (72 respondentes ou 62,6%), entre 31 e 40 anos (50 respondentes ou 43,5%). Quanto ao estado civil, em 2012 o grupo era solteiro de forma contrastante (71 respondentes ou 61,7%). Os casados eram 28 respondentes, ou 24,3%. Já em 2017, os números se inverteram e os casados integram o grupo de forma majoritária (48 respondentes ou 41,7%). Os solteiros simbolizam 39 respondentes, ou 33,9%. Portanto, o perfil demográfico do jornalista no Paraná é uma mulher, branca, entre 31 e 40 anos.

Para analisarmos a trajetória profissional dos jornalistas do Paraná, utilizaremos das variáveis específicas aos movimentos profissionais. Iniciamos com uma pergunta sobre diferentes formas de renda. Em ambas as pesquisas, a pergunta feita foi “quantos empregos (ou fontes de renda diferentes) tem atualmente?”.

Em 2012, 74 respondentes indicaram um único emprego (64,3%), 29 possuíam dois empregos (25,2%), 6 possuíam nenhum vínculo empregatício (5,20%), 3 indicaram possuir 3 empregos (2,60%) e 3 atuavam como freelancer (2,60%). Em 2017, os números variaram pouco, com exceção daqueles que trabalham como freelancer: o número passou a ser de 11 profissionais (9,60% da amostragem em 2017). Isso é sintomático dos processos de precarização da profissão de jornalista. Conforme o portal “A Conta dos Passaralhos”, 2.327 jornalistas foram demitidos de redações desde 2012 no Brasil. O portal é mantido pelo Volt Data Lab.

A segunda variável a ser decupada é a pergunta “Você trabalha atualmente como jornalista ou professor de jornalismo?”. Aqui, temos uma diferença fundamental entre os diferentes anos da pesquisa. Para 2017, duas novas respostas foram adicionadas

ISSN 1676-0093

a pesquisa. “Já trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo, agora estou aposentado” e “Já trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo. Estou empregado agora, mas não como jornalista” foram adicionados como uma forma de corresponder a realidade dos diferentes respondentes com mais fidelidade. Nesses casos, a resposta do indivíduo na pesquisa anterior através de uma nota de rodapé.

Em ambos os anos, a resposta “sim” tem a maioria. Em 2012, 92 dos respondentes trabalham com jornalismo (80%). Na pesquisa em 2012, a ordem seguiu com 13 respondentes indicando que já trabalharam como jornalista mas agora estão desempregados (11,30%), 4 respondentes que já trabalharam como jornalistas e agora apenas estudam (3,40%), 4 respondentes que trabalham em outra área e nunca trabalharam como jornalista (3,40%) e 1 respondente que nunca trabalhou.

Em 2017, 74 dos respondentes indicam que trabalham como jornalista (64,34%), 22 respondem que já trabalharam com jornalismo mas agora estão em outra área (19,13%)[1], 7 indicam que já trabalharam com jornalismo, mas agora apenas estudam (6,08%), 6 respondentes sinalizam que já trabalharam como jornalistas mas estão desempregados (5,21%), 2 indicam que agora estão aposentados (1,73%)[2], outros 2 respondem que nunca trabalharam e 2 indicam que nunca trabalharam com jornalismo mas agora estão empregados em outra área (1,73%).

Quando questionados sobre as suas horas de trabalho em funções jornalísticas, os respondentes em 2012 majoritariamente afirmaram cumprir entre 5 e 8 horas diárias (49 respondentes, 42,60%). Cumprindo entre 8 e 12 horas diárias estão 24 respondentes (20,8%), 15 participantes indicam que cumprem até 5 horas (13,04%), 3 respondentes cumprem uma jornada de mais de 12 horas (2,60%). Cerca de 20,8% dos entrevistados não trabalham com jornalismo.

Em 2017, os resultados são dominados por aqueles que não trabalham com jornalismo: 42 respondentes (36,52%). Um total de 39 entrevistados fazem jornadas de 5 a 8 horas (33,9%), 23 participantes trabalham entre 8 e 12 horas (20%) e 11 respondentes cumprem até 5 horas em funções jornalísticas diárias (9,56%).

Quanto à renda mensal proveniente do trabalho jornalístico, aqui podemos perceber a estagnação do salário. Em 2012, 31 respondentes indicaram que recebiam entre R$ 3111 a R$ 6220 (26,95%) e 26 entrevistados afirmaram ser pagos entre R$ 2812 a R$ 3748. Já em 2017, 21 respondentes (18,26%) recebiam entre R$ 3749 a R$ 4658. Esse valor pode ser relacionado ao piso salarial conforme definido pelo Sindicato dos Jornalistas (Sindijor), que em 2017 estava definido em R$3.384,79[3].

Assim, uma significativa parcela dos respondentes estava sendo pago acima do piso salarial estabelecido. Aqui, também é importante pontuar a variação do salário mínimo: de R$622 para R$937. Entretanto, a maior parte dos respondentes em 2017 não trabalha com jornalismo, totalizando 42 entrevistados e 36,52%. Em 2012, aqueles que não trabalham com jornalismo totalizam 24 participantes (20,86%).

Quando perguntados sobre sua área de atuação, os respondentes revelam o estado do mercado de trabalho. Os entrevistados possuíam três possíveis respostas: fora da mídia, em docência; fora da mídia, em atividade de comunicação ou mídia. Em 2012, 48 respondentes (41,73%) afirmam atuar na mídia, enquanto 37 entrevistados

[1] Categoria não existia na pesquisa anterior. Em 2012, desses 22 respondentes, 14 indicaram que trabalhavam com jornalismo, 5 que já trabalharam na área, mas agora estão desempregados, 2 que já trabalharam, mas agora apenas estudam e 1 respondeu que nunca trabalhou como jornalista.
[2] Categoria não existia na pesquisa de 2012. Na pesquisa anterior, ambos os respondentes sinalizaram que trabalhavam com jornalismo.
[3] Disponível em <http://static5.sertpr.org.br/files/2013/10/MR038452-2017-2018.pdf>.

(32,17%) estão em atividades de comunicação e apenas 6 (5,21%) atuam na docência. Vinte e quatro respondentes (20,86%) não trabalhavam com jornalismo.
Já em 2017, a principal parcela dos respondentes não estão inseridos no jornalismo: 42 entrevistados (36,52%) não trabalhavam com atividades da comunicação. Cerca de 29,56% da amostragem (34 respondentes) estavam inseridos em atividades de assessoria e outras ações fora da mídia mas que envolvam o conhecimento jornalístico. Vinte e nove participantes da pesquisa trabalham na mídia (25,21%) e 10 entrevistados (8,69%) atuam na docência.
Aqui, percebemos movimento em todas as variáveis. Além do número daqueles que não trabalham com jornalismo ter aumentado significativamente, o número de profissionais atuantes na mídia e em assessorias diminui e mais profissionais afirmaram iniciar uma carreira docente. É possível concluir que o número de postos de trabalho diminuiu, já que conforme os dados da pesquisa, o mercado de trabalho jornalístico convencional (assessorias e mídia) parece ter enxugado.

Conclusão/ões

Os dados são sintomáticos de um processo de instabilidade profissional e de saída do jornalismo. Em algumas das tabelas apresentadas acima, o primeiro item oferece a variável de resposta “não trabalha com jornalismo”. O número de entrevistados fora do jornalismo é de 24 em 2012, mas o número quase dobra em 2017, chegando em 42. Num recorte de 115 profissionais, isso simboliza mais de um terço.
O cenário é confirmado pelas variáveis exclusivas da pesquisa de 2017, em que os respondentes opinaram sobre mudança no contexto profissional do jornalismo. Quando perguntados sobre os efeitos da crise na jornada de trabalho, 66,1% dos respondentes percebeu uma relação entre o aumento da jornada e a crise.
A amostragem de dados é extremamente rica e a variedade de diferentes pesquisas a serem realizadas podem continuar a ajudar a entender os diferentes movimentos da profissão jornalística e de seus profissionais – as perguntas adicionadas em 2017 citadas acima são prova de que ainda há muito a ser visto nesses dados.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pelo apoio prestado no período da pesquisa. Também agradeço aos professores e colegas que me ajudaram, em especial a professora Cintia Xavier, que me acompanhou nesses quatro anos de curso.

Referências

MICK, J; LIMA, S. (Orgs.) **Perfil do jornalista brasileiro:** características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MICK, Jacques. **Detalhamento metodológico da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”.** Disponível em: http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2012/04/PerfilJornal_Metodologia.pdf.

PONTES, Felipe; MICK, Jacques. **CRISE E MERCADO DE TRABALHO:** trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.